

Rogério Covaleski

Universidade Federal de
Pernambuco – UFPE

E-mail:

rogerio.covaleski@ufpe.br

**Adriano Rodrigues de
Oliveira**

Universidade Federal de São
Paulo – UNIFESP

E-mail:

adriano.oliveira03@unifesp.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

Princípios da propaganda nazifascista revisitados pela extrema direita brasileira: uma leitura de imagens

*Principles of Nazi-fascist propaganda
revisited by the Brazilian far-right:
A reading of images*

*Principios de la propaganda nazi-
fascista revisados por la extrema
derecha brasileña:
Una lectura de imágenes*

Covaleski, R., & Rodrigues de Oliveira, A. Princípios da
Propaganda Nazifascista Revisitados pela Extrema Direita
Brasileira: uma leitura de imagens. Revista Eco-Pós, 26(3), 60–
89. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i3.28028>

RESUMO

O texto propõe discutir a adoção de elementos estéticos e discursivos da propaganda nazifascista histórica pela atual extrema direita brasileira. Foram realizadas revisão bibliográfica e leitura de imagens que colocam em diálogo a percepção de comunicólogos, sociólogos, filósofos e antropólogos brasileiros e estrangeiros que abordam o avanço de movimentos neofascistas, regimes autoritários e populismos de extrema direita. O corpus são três imagens e seus contextos que ecoam a ideologia fascista como parte das estratégias da propaganda bolsonarista, sobretudo para difusão nas redes sociais digitais e aplicativos de mensagens. As imagens selecionadas circularam durante o governo de Jair Bolsonaro e já foram objeto de comparações na imprensa. Neste trabalho, elas são comparadas a imagens históricas que corroborariam suas inspirações nazifascistas, e interpretadas à luz da leitura de imagens.

PALAVRAS-CHAVE: *Democracia; Desinformação; Discurso de ódio; Bolsonarismo; Neofascismo.*

ABSTRACT

This text proposes to discuss the adoption of aesthetic and discursive elements from historical Nazi-fascist propaganda by the current Brazilian far-right. It involves a literature review and reading images that engages the perceptions of Brazilian and foreign communication experts, sociologists, philosophers, and anthropologists who address the rise of neo-fascist movements, authoritarian regimes, and far-right populism. The corpus is a selection of three images and its contexts that resonate with fascist ideology as part of Bolsonaro's propaganda strategies, particularly for dissemination on digital social networks and messaging apps. These images circulated during Jair Bolsonaro's government and have already been subject to comparisons in the press. In this work, they are compared to historical images that support their Nazi-fascist inspirations and interpreted considering reading of images.

KEYWORDS: *Democracy; Disinformation; Hate speech; Bolsonarism; Neofascism.*

RESUMEN

Este texto propone discutir la adopción de elementos estéticos y discursivos de la propaganda nazifascista histórica por parte de la actual extrema derecha brasileña. Se llevó a cabo una revisión bibliográfica y una lectura de imágenes que pone en diálogo la percepción de comunicólogos, sociólogos, filósofos y antropólogos brasileños y extranjeros que abordan el avance de los movimientos neofascistas, regímenes autoritarios y populismos de extrema derecha. El corpus son tres imágenes y sus contextos que hacen eco de la ideología fascista como parte de las estrategias de la propaganda bolsonarista, especialmente para su difusión en las redes sociales digitales y aplicaciones de mensajería. Las imágenes circularon durante el gobierno de Jair Bolsonaro y ya han sido objeto de comparaciones en la prensa. En este trabajo, se comparan con imágenes históricas que respaldan sus inspiraciones nazifascistas e interpretadas a la luz de la lectura de imágenes.

PALABRAS CLAVE: *Democracia; Desinformación; Lenguaje inflamatorio; Bolsonarismo; Neofascismo.*

Submetido em 07 de março de 2023

Aceito em 20 de agosto de 2023

Desde que existem os Estados constitucionais e mesmo desde que existem as democracias, o “demagogo” tem sido o chefe político típico do Ocidente (Weber, 2011, p. 97).

Introdução

No século XXI, observamos a consolidação total ou parcial da democracia liberal e do estado de direito no mundo ocidental. Contudo, fatos recentes revelam que permanece possível a ascensão de líderes autoritários capazes de mobilizar os sentimentos das massas por meio da propaganda e do uso de símbolos e imagens, fragilizando a democracia e resgatando práticas que nos remetem ao período do nazifascismo. Como aponta Chomsky (2013, p. 13), “a propaganda política patrocinada pelo Estado, quando apoiada pelas classes instruídas e quando não existe espaço para contestá-la, pode ter consequências importantes. Foi uma lição aprendida por Hitler e por muitos outros e que tem sido adotada até os dias de hoje”.

Nesse sentido, observou-se no Brasil recente uma deriva fascista, na qual a combinação tóxica entre autoritarismo e irresponsabilidade, conforme a crítica de Cohn (2022), colaborou para desestabilizar as instituições republicanas. Movimento capitaneado por um autoritarismo genuíno, que “se empenha em exibir a marca da responsabilidade, de preferência investida num líder bem identificado”. E tendo como consequência “o pior de dois mundos: o mal absoluto, porém dissimulado, expresso na morte e na destruição anônimas. Menos nítida é a afinidade desse estado de coisas com o agressivo regime de extrema direita, originalmente conhecido como fascismo” (Cohn, 2022, n.p.).

Com as eleições presidenciais de 2018, Jair Bolsonaro chegou à chefia do Poder Executivo, após 27 anos como deputado federal e, desde o início de sua carreira, como parlamentar identificado com pautas ligadas a corporações de segurança, bem como a valores reacionários, tal como os movimentos antiaborto e antidrogas. Nesse sentido, Bolsonaro se coloca no mesmo campo de líderes de perfil populista de extrema direita que se elegeram pelo mundo nos últimos anos. Para Chomsky (2023), trata-se de um fenômeno globalizado, cada vez mais às claras — referindo-se a um encontro realizado na Hungria, reunindo organizações da extrema direita da

Europa, oriundas de “democracias liberais”, tendo como elemento aglutinador o Partido Republicano dos EUA: “O ex-presidente Donald Trump fez um discurso. Algumas semanas depois, o principal convidado para falar numa conferência conservadora em Dallas era o primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán” (Chomsky, 2023, n.p.). Sobre este contexto, Mello (2020, p. 23) aponta que nas “democracias liberais”, segundo o vernáculo de Orbán, “basta inundar as redes sociais e os grupos de *WhatsApp* com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade — e abafe as outras narrativas, inclusive e sobretudo as reais”.

O governo Bolsonaro e o bolsonarismo têm como característica a promoção de eventos, a circulação de imagens e declarações públicas que buscam fidelizar e radicalizar seus adeptos. Nesses episódios, divulgados na imprensa, observaram-se diálogos com os elementos essenciais do fascismo e do nazismo, tanto do ponto de vista comunicacional quanto ideológico. Ainda assim, alguns autores, a exemplo Finchelstein (2019, p. 26), destacam que a associação entre os termos fascismo e populismo vem sendo “exageradamente usada como uma amálgama de extremismos de esquerda e de direita. Tem sido confundida com tudo o que se opõe à democracia liberal”. Nesta mesma linha, Cavalcante pondera:

Para o caso brasileiro contemporâneo, certas características da ascensão do bolsonarismo são usadas como provas da inadequação do conceito de fascismo: (...) o fato de Bolsonaro não liderar um partido de massas com base social organizada nacionalmente (...); o caráter abertamente pró-capitalista de seu discurso, o que marcaria uma diferença decisiva em relação aos movimentos fascistas (...) (Cavalcante, 2020, p. 122-123).

Esta ponderação se justifica pelo fato de haver controvérsias entre analistas, conforme apontado por Finchelstein (2019) e Cavalcante (2020), sobre o uso de termos e conceitos como fascismo e populismo, que teriam certa especificidade que não permitiria um uso tão amplo como se faz na atualidade quando se referem a governos de extrema direita. Contudo, parece inevitável relacionar o fascismo proposto por Stanley (2020) ao que se praticou no governo Bolsonaro, tal como o culto à figura do líder, a promessa de restauração nacional diante de ameaças ocultas, o enfrentamento às hipotéticas humilhações sofridas pelos “cidadãos de bem” por parte de esquerdistas, liberais, minorias, homossexuais e mulheres, e que ao líder também caberia o papel de restabelecer o controle sobre a mídia do país, as instituições culturais e as escolas, todas supostamente tomadas por essas forças. Finchelstein (2020, n.p.) reitera que na

estratégia propagandística de viés fascista, adota-se “uma maneira específica de mentir, que afasta a realidade e tenta nos fazer viver a sua verdade, a serviço de fantasias, paranoias e uma ideologia nas quais os fascistas acreditam como se fossem a verdade”.

Nesse contexto, a ampliação do acesso à internet e à comunicação digital fez avançar, por um lado, a pluralidade de conteúdos e, por outro, a vulnerabilidade do público em geral às investidas da desinformação, exacerbando emoções e ataques às instituições democráticas. Como apontam Lavareda e Castro (2016, p. 171), tais conteúdos disseminados pela internet “têm efeito contagioso sobre o usuário, mesmo sem o contato face a face”. Os autores reforçam que “as redes sociais são capazes de fazer as pessoas experimentarem a emoção que o outro está transmitindo mesmo sem perceber”.

O avanço desenfreado dos processos de desinformação contribui para a construção de um ambiente fértil para o fortalecimento de ideologias autoritárias na sociedade e na política, consolidando as polarizações. Tais movimentos sociais em rede, “espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias”, como já identificara Castells (2013, p. 10).

Uma pesquisa realizada pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em 2021, alertava para o crescimento da extrema direita no âmbito global, e destacava que no Brasil se estabelecia um ecossistema próprio que mimetizava os radicais de direita dos Estados Unidos. Dados coletados pela pesquisa alertavam para uma possível interferência ideológica de grupos extremistas de direita nas eleições de 2022, situando o Brasil como um protagonista no cenário geopolítico dos radicais antidemocráticos (Ruediger, 2021).

Kaufmann (2021, p. 50) assevera que, “se a retórica da conspiração informal que invade os espaços digitais é perturbadora, a inflação do discurso paranoico de nível institucional é ainda mais”. Para o autor, “a nova retórica populista que invade o espaço público (...) favorece um estilo paranoico de pensamento, que toma forma em oposição a um inimigo comum”. Segundo Kaufmann (2021, p. 50), trata-se de uma estratégia perigosamente eficaz: “ao fazer da sobrevivência cultural, religiosa ou ‘étnica’ da comunidade um desafio central, as divergências internas ou dissonâncias que poderiam ser geradas por injustiças sociais e econômicas são postas em espera”. O autor trata como “ruminação conspiratória” a estratégia de falseamento da

realidade utilizada pela extrema direita mundo afora, sobretudo nos governos reacionários partícipes da “Internacional Autoritária”:

Na medida em que expressa não a verdade de um fato, mas a verossimilhança de uma relação social, o imaginário conspiratório pode muito bem encontrar-se a serviço tanto do poder dos governantes, obcecados com o medo de perder o controle dos governados, quanto da resistência dos dominados, esfolados pelos abusos dos poderosos [com suas] estratégias ocultas, mentiras e manipulações para nos silenciar (Kaufmann, 2021, p. 50).

A partir da visão do autor, vale notar que muitas das tentativas de conceituação do termo *Propaganda* remetem à manipulação das massas por meio da mentira. Em 1940, Bartlett (p. 58) já alertava que “nenhum aspecto da vida pública ou privada deve escapar à voz intrusiva dos nazistas, proclamando em todos os momentos que ‘a propaganda é a vontade de poder’. Se em todos os casos a propaganda é um método partidário, na Alemanha é um método partidário sistematizado”. Segundo Doyle (2011, n.p.), no emblemático *A Dictionary of Marketing*, o vocábulo é conceituado como um “esforço sistemático de controlar ou manipular a opinião pública ou um curso de ação usando fatos, ideias ou alegações selecionados por meio da mídia”. Assim, “a propaganda pode ajudar a criar consentimento para uma causa ou direção, mas também pode ser usada maliciosamente nas mãos de um regime ditatorial”. Em outro léxico, *A Dictionary of Media and Communication* (Chandler; Munday, 2020, n.p.), menciona-se que a propaganda serve à “manipulação intencional da opinião pública por meio de mentiras, meias-verdades e a recontagem seletiva da história”. Na versão on-line da enciclopédia *Britannica* (Propaganda, 2023), trata da “disseminação de informações — fatos, argumentos, boatos, meias-verdades ou mentiras — para influenciar a opinião pública”. Já para Luckert e Bachrach (2009, n.p.) “a propaganda pode ser benéfica ou prejudicial. Pode usar verdade, meias-verdades ou mentiras”. Cunningham (2002, n.p.), entende que ela “é indiferente à verdade e veracidade, conhecimento e compreensão; é uma forma de comunicação estratégica que utiliza todos os meios para atingir seus fins”. Buscando a percepção sobre a importância da propaganda em conjunto com alguns daqueles que a usaram para fins nefastos no século XX, temos: “A propaganda deve facilitar o deslocamento da agressão, especificando os alvos do ódio” — um dos princípios da propaganda cunhados por Goebbels (Doob, 1950, n.p.); “A propaganda

permitiu-nos conservar o Poder, a propaganda nos possibilitará a conquista do mundo” – na visão de Hitler (Domenach, 1963, p. 9).

O que leva à interrogação sobre o uso da mentira como estratégia da propaganda (neo)fascista e dos políticos alinhados a essa ideologia:

Sim, políticos fascistas tendem a mentir mais, mas não se trata somente de mentir mais. Eles acreditam em suas próprias mentiras. E, mesmo que vejam que essas mentiras não correspondam à realidade, acreditam que essas mentiras estão a serviço de uma verdade, que é a verdade do líder e da ideologia (Finchelstein, 2020, n.p.).

Sobre o comportamento de Bolsonaro à luz do fascismo, o autor complementa (Finchelstein, 2020, n.p.): “Ele não alcançou o patamar fascista ainda, mas mente como um fascista, elogia ditaduras e ditadores como um fascista, glorifica a violência — basta lembrar que o símbolo de sua campanha era fazer uma arma com a mão”.

Neste cenário descrito, o uso de robôs e contas falsas para disseminação de conteúdos políticos, bem como a formação de bolhas informacionais, trazem à tona os desafios da relação do ser humano com a tecnologia e seu impacto na política. Os algoritmos e a inteligência artificial, usados para fins políticos e de manutenção de poder, tornaram-se peça-chave da dinâmica eleitoral em todo o mundo. Harari (2018, p. 95) alerta que “quando os algoritmos passarem a nos conhecer tão bem, governos autoritários poderiam obter o controle absoluto de seus cidadãos, ainda mais do que na Alemanha nazista, e a resistência a esses regimes poderá ser totalmente impossível”. Para o historiador israelense, os humanos estão sujeitos a viver em “ditaduras digitais”.

Crítico à atuação das *Big Techs*, Morozov (2018, p. 101) vê na ascensão dos dados a morte da política, sobretudo quando admite que “a regulação algorítmica, independentemente de seus benefícios imediatos, nos dará um regime político no qual todas as decisões serão tomadas pelas empresas de tecnologia e pelos burocratas estatais”. Visão semelhante tem Beiguelman (2021, p. 203) sobre a conscientização em torno da materialidade produzida e circulante nas redes, pois “politizar a discussão sobre os dados é hoje estratégico e os meandros das eleições de Bolsonaro [2018] e Donald Trump [2016], nos Estados Unidos, são exemplos quase autoexplicativos dessa urgência”.

Acker (2018, n.p.) elucida como o fascismo se tornou digital a partir do “papel crucial desempenhado pela tecnologia digital em duplicar e acelerar rapidamente o impacto dos desenvolvimentos sociais e políticos de longo prazo nas eleições”. Para este historiador, “a campanha de Bolsonaro conseguiu inventar uma nova forma de fascismo cujo berço não foi a rua, mas as redes sociais”. E embora reconheça algumas diferenças do bolsonarismo às concepções clássicas de fascismo, esta é a primeira a tomar a forma digital de maneira eficaz. Para Acker (2018, n. p.), “reconhecer o bolsonarismo como fascismo digital não é, portanto, uma questão de jargão acadêmico. É uma comparação histórica adequada que nos informa sobre os riscos do que está acontecendo agora”. Compreendendo o fenômeno como decorrente de ações do “partido digital bolsonarista”, Nobre (2022, p. 205) reforça que “o bolsonarismo dispõe de uma esfera pública alternativa relevante, controlando uma importante rede de desinformação e propaganda, fazendo uso extensivo de robôs conforme as necessidades do momento”.

Tratando também desse contexto político, Fachine e Demuru (2022, p. 20) abordam o populismo digital das direitas “como uma ideologia composta por uma série de temas e figuras específicos: o ‘patriotismo’, a ‘família tradicional’, o culto do líder (...)”.

A figura do líder que encarna o “homem do povo”, “autêntico”, “singelo” e, ao mesmo tempo, aparece como “firme e forte”, não define inteiramente os populistas digitais do século XXI. Ao lado dela há outro papel que tais políticos desempenham com igual desenvoltura: o bufão. (...) Nos dicionários brasileiros, “bufão” é a denominação dada a um indivíduo “bobo”, alguém que faz rir por se comportar de modo cômico, ridículo, inoportuno. O termo bufão, no entanto, pode ser considerado em outra acepção: como alguém “grotesco”, flertando com a aberração (Fachine; Demuru, 2022, p. 20).

O presente artigo propõe discutir a presença do fascismo no cenário político atual, utilizando como estudo de caso o bolsonarismo e suas lideranças (ex-presidente e os ocupantes de cargos no Governo Federal), bem como apontar os desafios relacionados ao debate político digital. Para tanto, será feita uma revisão de bibliografia em busca dos principais aportes teóricos que discutam, analisem e expliquem a presença do espectro neofascista na política contemporânea. A principal hipótese é a de que é possível identificar elementos semelhantes aos dos regimes nazifascistas na construção estética e propagandística de movimentos políticos da atualidade e na construção da imagem de seus líderes.

Ao mesmo tempo, tem como objeto de estudo imagens produzidas no âmbito do governo

Bolsonaro, selecionadas conforme aproximação com princípios da propaganda nazifascista do século XX. Por meio da leitura das imagens veiculadas e da análise dos fatos noticiados, espera-se identificar se há apropriação de elementos da propaganda neofascista pela extrema direita brasileira entre 2019 e 2022. O material selecionado consiste em registros fotográficos, bem como *frames* de gravações em vídeo, de aparições, participações, gestos e declarações (oficiais ou não oficiais) de Jair Bolsonaro ou de membros de seu governo.

1. A presença do espectro neofascista no ambiente político contemporâneo

Desde 1989, com a consolidação da Constituição Cidadã, a redemocratização pós-ditadura e o retorno do sufrágio universal, o Brasil vem experimentando o seu mais longo período de relativa estabilidade democrática. Contudo, a partir de 2013, com a realização de protestos em massa, o surgimento da Operação Lava Jato em 2014, e o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, o país tem se tornado palco de uma aguda crise política. É neste cenário que observamos a ascensão de líderes populistas de direita e extrema direita.

Partindo da hipótese de ter havido uma mudança de regime na fluida situação política brasileira, Tosi (2020) elenca alguns sinais preocupantes: a guerra ideológica contra o “inimigo” e o ataque aos direitos humanos, a militarização do governo, a conivência do governo com as milícias, o fundamentalismo religioso, a crescente violência policial e as políticas neoliberais que fragilizam a ação do Estado na área social e ambiental. Para o autor, todos estes são sinais de uma democracia salvaguardada que deve suportar o desgaste diário da ação subversiva de seu próprio governo e governante.

Como reforça Pericás (2022, p. 59) sobre os grupos que apoiam Bolsonaro, com nítido viés autoritário e antidemocrático, “na prática, nenhum deles tem um projeto nacional, já que a ideia fundamental do presidente e de sua equipe é a desconstrução de todo o andaime político-jurídico e econômico erguido desde o fim da ditadura militar”.

A linguagem utilizada na comunicação e na propaganda dos regimes nazista e fascista possui em comum alguns elementos fundamentais: culto à figura de um líder, de um mito; defesa do ultranacionalismo; militarização da nação; escolha de um “inimigo” especial para difamação

constante; apelo às emoções, evitando ideias abstratas — em grande medida, de acordo com as pontuações de Tosi (2020). Stanley (2020) discorre sobre isso:

Os fascistas sempre estiveram familiarizados com essa receita de usar as liberdades da democracia contra ela mesma. O ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, declarou certa vez: “Essa será sempre uma das melhores piadas da democracia, que ela deu a seus inimigos mortais os meios pelos quais foi destruída”. Hoje não é diferente do passado. Mais uma vez, encontramos inimigos da democracia liberal empregando essa estratégia (...) (Stanley, 2020, p. 45).

Nesse contexto, destaca-se ainda a importância do uso da tecnologia no debate público contemporâneo, sobretudo as redes sociais e os aplicativos de troca de mensagens. O uso dessas ferramentas por líderes populistas de extrema direita, marcadas pela forte atuação de algoritmos e *Big Data*, tem se mostrado eficiente para o manejo e propagação de ideias, valores e visões de mundo. A produção de conteúdo personalizado para um público-alvo e fora dos controles e da checagem de fatos é uma característica central desse tipo de comunicação, conforme exemplifica Da Empoli (2020): “pode-se (...) abordar argumentos mais controversos, endereçando-os somente àqueles que lhe são sensíveis, sem correr o risco de perder apoio de outros eleitores que pensam diferente”. Para o cientista político italiano, como o espaço mais profícuo para estas atividades se situa nas redes sociais, aparentando uma comunicação entre pares, “esse tipo de propaganda viral escapa a qualquer forma de controle e checagem de fatos” (Da Empoli, 2020, p. 152-153).

No Brasil, onde autores como Gonçalves e Caldeira Neto (2022) identificam a presença de um fascismo típico e intrínseco à sociedade brasileira, observou-se a ascensão de grupos de direita e extrema direita na política e nos meios de comunicação nos últimos anos. Mas de forma organizada e amplamente difundida, já a partir da Ação Integralista Brasileira (AIB), ainda no início da década de 1930, o movimento de viés fascista se instalava no país. Com características ultranacionalistas, corporativistas, conservadoras e tradicionalistas católicas de extrema direita, inspirou-se no fascismo italiano, surgido uma década antes (Trindade, 1979).

Sobre a lógica fascista brasileira, a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado a entende como difusa e presente em todas as regiões e classes, e apresenta a seguinte perspectiva:

Ela não é facilmente identificada, pois propaga um ódio mais pulverizado, direcionado a uma massa diversa. É animada por uma mídia que busca seus próprios interesses, uma

polícia violenta, um movimento religioso fanático e uma elite *sui generis* que, na teoria, defende o liberalismo, mas na prática age para defender privilégios (Pinheiro-Machado, 2019, p. 71-72).

A presença do autoritarismo na sociedade brasileira, que pode ser entendida como uma espécie de “fascismo popular” (Souza, 2019), abre um largo espaço para a circulação dos discursos propagados pelas lideranças populistas de extrema direita. A análise deste fenômeno é fundamental para a compreensão do atual *espírito do tempo* (*Zeitgeist* cf. Hegel, 1999) de nossa geração e dos caminhos necessários e possíveis para sua superação. Nesse sentido, Pericás (2022) destaca o ressurgimento do movimento *Antifa* — cuja origem no Brasil remonta ao período entre guerras, a partir de ações de imigrantes italianos e alemães contrários aos regimes autoritários de seus países de origem. Em 2018, o movimento ressurgiu contra a candidatura de Jair Bolsonaro, e manteve-se atuante contra as decisões do então presidente eleito naquele ano, colocando-se também contrários aos seus discursos discriminatórios.

2. Algumas evidências da aproximação entre o bolsonarismo e o nazifascismo

A relação entre Jair Bolsonaro e grupos neonazistas não é recente. A antropóloga Adriana Dias, que realizou pesquisas sobre as atividades desses grupos há mais de vinte anos, encontrou provas de que neonazistas brasileiros apoiam Bolsonaro ao menos desde 2004 (Demori, 2021). Entre elas, há um banner de propaganda de Bolsonaro presente em um grande *site* neonazista e, também, uma carta escrita por ele direcionada a esse público, evidenciando que sua base de apoio foi formada ao longo do tempo, ao menos em parte, por grupos neonazistas e seus simpatizantes. Conforme as pesquisas da antropóloga, em dados coletados nas camadas mais profundas e violentas da *deep web*, em 2019 já haviam sido identificados 334 grupos do tipo. Em 2022, eram mais de 500 células neonazistas no Brasil. Como reporta Pichonelli (2023, n.p.), “essa explosão era resultado de uma sociedade arregimentada no ódio, que ela [Dias] percebia já nas comunidades de *Orkut*, e estruturada no culto à masculinidade, no desprezo por minorias e na construção de um ‘outro conveniente’”.

Conforme aponta Ragusa (2023), a negação de eventos históricos, como o Holocausto, por lideranças políticas mundo afora, tem gerado um sentimento de *banalização do mal* (Arendt,

1999). Com isso, entende a pesquisadora (Ragusa, 2023, p. 124), que de forma “velada ou escancarada, a apropriação de elementos que remetam ao regime nazista vem, dentre outras, corroborando para um aumento cada vez mais expressivo no número de neonazistas e, por conseguinte, para o aumento do antissemitismo no país”. É do que trata Rosenfeld (2014), em seu livro *Hi Hitler!*, sobre como o passado nazista vem sendo normalizado na cultura contemporânea por diferentes produções midiáticas de entretenimento, nas quais se minimizam seus efeitos nocivos, por vezes caricaturizando a figura do *Führer*, tornando-a quase risível, mediante uma infinidade de memes populares que circulam nas redes digitais.

À época do governo de Bolsonaro, um dos mais notáveis episódios foi o caso do ex-Secretário Especial de Cultura, Roberto Alvim. Ele fez um pronunciamento em que copiou citações do ministro da Propaganda nazista Joseph Goebbels para divulgar o Prêmio Nacional das Artes (Goes, 2020). A imprensa alemã noticiou essas situações em grandes emissoras, caso da *Deutsche Welle*. Dentre os casos destacados, ainda no primeiro ano do governo de Bolsonaro, o próprio presidente e seu ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, alegaram, sem fundamento, que o nazismo era um “movimento de esquerda” (No memorial..., 2019), o que provocou repúdio de historiadores, de partidos políticos da Alemanha e até do Museu do Holocausto, em Israel.

Em episódio posterior, Bolsonaro participou de uma reunião na qual recebeu a parlamentar alemã Beatrix von Storch, neta de Lutz Graf Schwerin von Krosigk, ministro das Finanças de Hitler, e expoente do partido conservador nacionalista — AfD. A parlamentar já se referiu a imigrantes como “horda de estupradores” (Sanches, 2021a) e defendeu que a polícia abrisse fogo contra mulheres e crianças que tentassem entrar no país. Ela se referiu a Bolsonaro como alguém “humilde” e “amável” e posteriormente sugeriu a criação do que chamou de uma “internacional conservadora” com o apoio de Bolsonaro e outros líderes de extrema direita (Sanches, 2021b).

Das técnicas de persuasão na propaganda do ex-presidente na campanha eleitoral e durante o governo, Ragusa (2023, p. 119) destaca “o percurso da construção mercadológica que o levou ao poder e o *slogan* criado e usado para imprimir a ‘imagem de marca’ que levou o

candidato à simpatia popular, qual seja, ‘Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos’”, o que o alinha mais uma vez a uma lógica discursiva populista de viés fascista.

O aumento de denúncias de crimes ligados à apologia do nazifascismo, bem como o aumento de células nazifascistas pelo país, materializam os efeitos da circulação dessas ideias e símbolos autoritários propagados por autoridades públicas, sobretudo ligadas ao bolsonarismo (Mena, 2021). O bolsonarismo tem ainda como um de seus alvos preferenciais as mulheres e a imprensa, o que se evidencia com os inúmeros ataques feitos a jornalistas (Bolsonaro..., 2021). Para a jornalista Patrícia Campos Mello:

Bolsonaro segue à risca o manual húngaro “Como acabar com a imprensa independente em dez lições”, obra de seu colega populista Viktor Orbán. Na Hungria, em poucos anos a mídia crítica foi dizimada. Tal como Bolsonaro, Orbán se queixava de que a mídia tradicional era injusta ao atacá-lo e tachava a imprensa independente de “*fake news*”. Ele então resolveu o “problema”: empresários ligados ao governo e ao seu partido, o *Fidesz*, compraram a maior parte dos veículos de mídia independente, que hoje se dedicam a propagar as ideias caras a Orbán (...) (Mello, 2020, p. 168).

Em concordância com a autora, isso evidencia, nos governos de extrema direita, a adoção da imprensa e de determinados segmentos da sociedade como alvos preferenciais do conflito que impulsiona a radicalização de seguidores e a criminalização de adversários, sejam eles reais ou criados para fundamentar seus argumentos discursivos.

3. Leitura comparativa de imagens: bolsonarismo versus nazifascismo

O método de análise da materialidade selecionada será a leitura de imagens, que, tal como uma leitura e depuração de um texto, busca desmembrar a imagem parte por parte com o objetivo de decodificá-la e traduzi-la. Assim, é possível identificar seu contexto de referência e analisar suas partes de acordo com o objeto de pesquisa. Santaella (2012) propõe a concepção de alfabetização visual caracterizada como sendo aquela que envolve:

(...) aprender a ler imagens, desenvolver a observação de seus aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem, sem fugir para outros pensamentos que nada têm a ver com ela. Ou seja, significa adquirir os conhecimentos correspondentes e desenvolver a sensibilidade necessária para saber como as imagens se apresentam, como indicam o que querem indicar, qual é o seu

contexto de referência, como as imagens significam, como elas pensam, quais são seus modos específicos de representar a realidade (Santaella, 2012, p. 13).

A partir da leitura de imagens e da depuração dos elementos identificados, poderá ser feita a análise e uma aproximação ou não com o que se encontra nos princípios da propaganda nazifascista. Essas possíveis associações, com elementos de abordagem semiótica, juntamente com uma análise teórica e contextual, poderão levar à comprovação ou não das hipóteses.

4. Roberto Alvim

A transmissão de um discurso sobre o Prêmio Nacional das Artes, em janeiro de 2020, ocorreu em um cenário e ambientação que remetia diretamente à retórica da propaganda nazista, que pregava uma nova direção objetivista para a arte nacional alemã na década de 1930 (Moreira, 2020). A fala do ex-secretário Roberto Alvim no pronunciamento em vídeo tem fortes semelhanças, inclusive com alguns termos idênticos ao de um discurso de Joseph Goebbels, proferido em 8 de maio de 1933 — tal discurso dirigiu-se a administradores de cinema e diretores de teatro no hotel Kaiserhof, em Berlim. Goebbels criticava o movimento do Expressionismo, entre outras formas de arte consideradas “degeneradas” pelo regime nazista.

Outro detalhe não visual da cena é a trilha musical escolhida por Alvim para compor a ambientação sonora do pronunciamento: o prelúdio de *Lohengrin*, ópera romântica em três atos do compositor alemão Richard Wagner (1813-1883). Wagner em si não tinha relação com os nazistas, mas foi posteriormente reverenciado pelo regime por ser o compositor preferido de Hitler, em decorrência de sua ideia de “arte total” e do resgate da mitologia nacional.

Figura 1 – À esquerda, ex-secretário especial de cultura Roberto Alvim, em janeiro de 2020; à direita, Joseph Goebbels, ministro da Propaganda da Alemanha nazista, em março de 1933



Fontes: Página da Secretaria Especial de Cultura no *YouTube*, em 16 jan. 2020; Reprodução do Jornal *O Estado de São Paulo*, em 17 jan. 2020.

A montagem do cenário, com a mesa de trabalho, a foto de um “grande líder” atrás e acima, a bandeira ao lado, e ao fundo uma parede sem adereços, são elementos recorrentes em imagens produzidas por regimes que tentam passar a ideia de governo como impessoal e eficiente. Alvim apresenta seu discurso olhando o tempo todo diretamente para a câmera, como a falar para o espectador olho no olho, quase sem piscar. Observa-se, inclusive, uma grandiloquência calculada também na impostação da voz.

Sobre a escrivaninha do ex-secretário, encontra-se uma cruz de dois braços transversais. O objeto pode ser uma referência à cruz missioneira (inspirada na Cruz de Caravaca), documentada na iconografia das Missões Jesuíticas no Brasil, com a intenção de evocar uma ideia de mito nacional. Há também a presença de uma bandeira do país na outra extremidade da imagem. Colocar a cruz e a bandeira em cada ponta da imagem, nesse sentido, pode ser interpretado como uma declaração sobre a essência do Brasil — ou, como o próprio Alvim profere no vídeo, o “mito nacional”. A cristianização pelas mãos dos jesuítas seria o elemento fundador da nação, incluindo aí elementos de uma cruzada contra “infiéis” (Lopes, 2020).

A partir dessa composição imagética, é possível aplicar a reflexão de Beiguelman (2021, p. 178), quando a autora afirma que “mais que lugar e meio de transmissão de ideias e linguagens, a imagem é o próprio campo das tensões políticas”. Para a pesquisadora,

É na imagem, e não a partir dela, que os embates se projetam socialmente. Na explosão de fotos, vídeos e muitos memes que desembocam rapidamente nas redes, a imagem se

converte em um dos territórios de disputa mais importantes da atualidade. Bolsonaro e seus apoiadores introjetaram rapidamente essa dinâmica, um dos ingredientes mais importantes de sua receita de sucesso rumo ao Palácio do Planalto, calibrados pelas redes sociais (Beiguelman, 2021, p. 178-179).

Conforme Hasic (2019), que vê nos memes da internet um papel equivalente aos de cartazes e pôsteres de propaganda do século XX, a circulação de imagens produtoras de sentidos nas redes sociais e nos aplicativos de mensagens fez com que o discernimento entre fatos e ficção tenha se tornado o verdadeiro desafio com esta última encarnação da propaganda visual. Para o autor, “o tempo dirá se os memes se tornarão uma parte permanente de nossa história política, mas, por enquanto, ainda estamos experimentando seus efeitos imprevisíveis” (Hasic, 2019, n.p.).

O uso de imagens de impacto e de comoção popular serviu a regimes de variados espectros políticos, fosse para supervalorizar qualidades de um governo ou ideologia, fosse para desconstruir a credibilidade de opositores. Como relembra Sant’Anna (1998, p. 51), é “essa a razão efetiva do êxito da propaganda nazista em relação às massas alemãs: predomínio da imagem sobre a explicação, do sensível brutal sobre o racional”. As mesmas estratégias podem ser adotadas por adversários políticos de polos opostos, valendo-se, de um lado, de propaganda, e de outro, de contrapropaganda. A exemplo disso, Milani (2020, p. 106) relata que “na propaganda anticomunista, foi bastante comum associar a ação dos revolucionários a doenças contra as quais era preciso imunizar-se e combatê-las: comunistas eram representados como a ‘peste’, a ‘praga’, o ‘câncer’, o ‘vírus’, a ‘lepra’ etc.” — semelhante ao que se viu circulando por redes sociais no Brasil, referindo-se a “esquerdistas” como um todo.

É importante destacar que, no caso de Roberto Alvim, o secretário foi rapidamente exonerado do cargo pelo governo após a repercussão negativa de seu pronunciamento com inspiração nazista. A fala repercutiu mal mesmo dentro da esfera bolsonarista, sendo condenada por alguns de seus expoentes nas redes sociais, tal como Olavo de Carvalho, que afirmou que “Roberto Alvim talvez não esteja bom da cabeça”. O pronunciamento também foi condenado pelos presidentes da Câmara dos Deputados, do Senado Federal e do Supremo Tribunal Federal (Alessi, 2020).

5. As motociatas

Tornou-se notória a prática do ex-presidente Jair Bolsonaro de incentivar e convocar a realização de passeios de motocicleta com apoiadores nas principais cidades brasileiras. Tanto na imprensa como nas redes sociais, muitas pessoas percebem um fato: a semelhança com o que o líder fascista italiano Benito Mussolini promovia à época em que era o *Duce*.

Sobre as motivações de Mussolini em realizar suas motociatas, durante o regime fascista italiano, está a ideia de culto às máquinas, que de certa forma encontrava na motocicleta um símbolo de seu ideário de sociedade viril e dinâmica. Isso se dá por meio da apropriação de elementos do movimento futurista, vanguarda artística europeia que acabou se inclinando para o fascismo no início do século XX (Palácio, 2021).

Figura 2 – À esquerda, Jair Bolsonaro em motociata com apoiadores em Jundiaí/SP, em 2021; à direita, Benito Mussolini em motociata com apoiadores na Itália, na década de 1930



Fontes: Reprodução de *O Estado de São Paulo*, em 13 jun. 2021; Reprodução de *The Guardian*, em 11 mar. 2017.

Na Figura 2, à esquerda, Bolsonaro aparece em motociata no interior do estado de São Paulo, enquanto na imagem à direita, um registro fotográfico de um passeio motorizado realizado por Mussolini. Observa-se a semelhança de dois líderes desfilando montados em motocicletas, seguidos por outros motociclistas, enquanto trocam acenos com o público apoiador que aprecia o desfile, exibindo as máquinas motorizadas como ícone de virilidade.

Na visão do escritor italiano Antonio Scurati (2020), Mussolini se configura como o protótipo de líder populista a ser seguido pelos governantes autoritários contemporâneos.

Mas, se retirarmos o componente propriamente fascista de Mussolini, notamos que permanece o arquétipo do líder populista, isto é, daquele líder que consegue guiar as massas, que cheira seus humores (...) e os apoia. Nesse sentido, Mussolini é o arquétipo de Jair Bolsonaro, de Donald Trump, de Matteo Salvini (líder da extrema direita italiana) (Scurati, 2020, n.p.).

Tendo em vista que esses dois primeiros casos selecionados se relacionam, é válido refletir sobre a comparação, feita pelo professor Gabriel Cohn, entre os regimes nazista e fascista:

O caso alemão leva o fascismo ao paroxismo, e nisso acentua também as ambivalências quando não contradições já presentes no caso italiano. Ambos os regimes incorporam uma tensão não resolvida entre o tradicional e o moderno, traduzida na combinação entre valorização positiva do avanço tecnológico e da inovação (...) e posição ultraconservadora, no tocante a padrões de relações sociais como a família, junto com estritos controles doutrinários na educação e na cultura (Cohn, 2022, n.p.).

Os apontamentos dos autores, bem como a leitura das imagens, revelam um conjunto de semelhanças entre o comportamento de figuras emblemáticas do fascismo, tal como Mussolini, e a replicação por Jair Bolsonaro da utilização de símbolos que remetem a uma ideia de “potência” do líder de massas, com o uso de máquinas e da tecnologia, no caso, as motocicletas.

6. Os gestos nazifascistas

Um dos casos de uso de gestos que remetem ao nazifascismo foi o episódio em que um grupo de apoiadores identificados como paraquedistas das Forças Armadas apresentou um gesto de saudação perante o então presidente Jair Bolsonaro, em Brasília, em março de 2020 (Lago; Sardinha; Lippelt, 2022). O grupo de apoiadores estendeu o braço direito para o alto e

bradou “Bolsonaro somos nós” (Figura 3 – superior). O gesto foi, em grande medida, interpretado como uma alusão à saudação nazista, apesar das justificativas religiosas que foram argumentadas por alguns apoiadores do ex-presidente (Carvalho, 2021).

É importante ressaltar que adeptos de denominações religiosas neopentecostais utilizam o gesto de estender a mão direita em direção a uma pessoa, muito similar ao “*sieg heil*” (“salve a vitória”), porém com uma postura mais flexionada do braço. O que se busca analisar no presente caso não é a intenção declarada de se realizar uma saudação nazista, mas as similaridades estéticas e simbólicas que se apresentam na comunicação política da extrema direita, que revelam contornos imagéticos e icônicos, também considerando o contexto político dos grupos e líderes envolvidos. Para fins da análise proposta neste artigo e das repercussões midiáticas e sociais à época do fato, não consideramos que tenha havido intenção declarada, e nem mesmo intenção velada de culto ao nazismo, mas sim uma similaridade que não pode ser ignorada.

Figura 3 – Bolsonaroistas fazem gestos que lembram saudação nazista a Jair Bolsonaro em Brasília, em 2020; Hitler é saudado com o gesto *Sieg Heil* por jovens e crianças na Alemanha, em meados dos anos 1930



Fontes: Reprodução de *O Dia*; Reprodução de *History Daily*.

Sobre o caso, a antropóloga e professora Lilia Moritz Schwarcz analisa:

(...) paraquedistas, vestidos com roupas militares, entoam uma variação de *Heil Hitler* a partir do grito de “Bolsonaro somos nós”, selando uma espécie de compromisso coletivo, na base do “nós comum”, em torno dos ideais do presidente. No caso, porém, o gesto não evoca um ritual religioso, mas reforça um compromisso bélico numa nação que não está em guerra (Schwarcz, 2020).

Na imagem inferior (Figura 3), observam-se membros da Juventude Hitlerista realizando uma saudação ao *Führer*, em meados dos anos 1930, quase às vésperas da Segunda Guerra Mundial. Segundo Harris (2019), durante seu auge, a Juventude Hitlerista chegou a ter oito milhões de membros. A partir de 1936, a adesão tornou-se obrigatória para os adolescentes

arianos. Já em 1939, a não adesão era uma ofensa punível. Na Alemanha, a saudação nazista é proibida desde 1945. O gesto é um cumprimento com o braço direito estendido com a palma da mão voltada para baixo, pronunciando-se na performance do gesto as palavras “*Heil Hitler*” (“salve Hitler”) ou “*Sieg Heil*” (“salve a vitória”). Se observado na atualidade alemã, é passível de multa ou até cinco anos de prisão no país (DW, 2022).

Na comparação entre as imagens (Figura 3), é notável a semelhança entre as formas de posicionamento do braço direito, com a mão espalmada e dedos juntos, apontando em direção ao líder seguido. Em ambos os cenários, um grupo de apoiadores masculinos — de diferentes idades — em uniformes militares declarando gestualmente a sua lealdade e devoção ao líder.

Outro caso semelhante ocorreu após o segundo turno das eleições presidenciais, em 30 de outubro de 2022, com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva. Naquele momento, diversos grupos bolsonaristas organizaram acampamentos e manifestações próximas às rodovias e quartéis do Exército em protesto contra o resultado eleitoral, inclusive culminando em bloqueios ilegais de estradas e distúrbios violentos contra as forças de segurança. Em uma dessas manifestações, no município de São Miguel do Oeste, em Santa Catarina, uma multidão bolsonarista realizou simultaneamente o gesto similar ao “*sieg heil*” nazista, enquanto cantavam o hino nacional brasileiro, clamavam apoio a Bolsonaro e exigiam a tomada do poder via golpe de estado com apoio das Forças Armadas. Novamente, observa-se a semelhança estética e simbólica identificada na Figura 3, porém com novos contornos imagéticos, pois o gesto foi realizado por uma multidão, e não apenas por um pequeno grupo de evangélicos. Ressalta-se que o caso foi investigado pelo Ministério Público daquele estado, cuja investigação célere, entretanto, não identificou o ato como uma apologia ao nazismo, entendendo que os manifestantes ali presentes e de braços estendidos buscavam emanar energias positivas a seu líder (Pacheco; Spautz, 2022). Na ocasião, muitas autoridades se pronunciaram a respeito, dentre elas o embaixador alemão no Brasil: “Não se trata de liberdade de expressão, mas de um ataque à democracia e ao Estado de Direito no Brasil. Esse gesto desrespeita a memória das vítimas do nazismo e os horrores causados por ele” (Thoms, 2022).

Em todos os casos, e a partir da leitura das imagens, pode-se verificar o nível de normalização de atos, gestos e discursos impregnados de elementos que ecoam símbolos e bases

ideológicas nazifascistas. Um possível veredito sobre como tais posicionamentos da extrema direita brasileira reverberam na sociedade é proposto por Cavalcante (2020, p. 127), ao compreender a legitimidade de Bolsonaro na política nacional “por defensores de um modelo de família conservadora que já haviam aprendido a naturalizar tipos como ele na esfera privada. Na classe média, essa naturalização é inseparável do legado escravocrata que ainda desumaniza a classe trabalhadora manual brasileira”.

Considerando o apontamento do autor, podemos entender que essa normalização de gestos nazifascistas à qual nos referimos estaria ligada, na verdade, a um processo ainda maior de normalização da desumanização em vários aspectos, que, por sua vez, é parte do legado escravocrata da história brasileira.

Considerações finais

Desde 2013, o Brasil passa por turbulências políticas e sociais, que se desdobraram na chegada do bolsonarismo ao poder, com sua concepção autoritária de política e sociedade. Tal movimento é visto por autores como Santos Neto e Canel (2020), como a constituição de uma massa protofascista que conta com a colaboração — e conivência — de diversos setores econômicos, que vão do agronegócio ao setor de serviços, passando pela legitimação da burguesia que mantém uma lógica de herança colonial escravocrata, e na qual se percebe uma forte tentativa de manutenção de uma sociedade oligárquica e repressiva.

Por meio do debate baseado em imagens dos três casos, foi possível apontar um conjunto de semelhanças entre a comunicação política da extrema direita do século XXI no país e a comunicação política de regimes nazifascistas — historicamente demarcados — da Alemanha e da Itália, antes e durante a Segunda Grande Guerra. No Brasil, o ex-presidente Jair Bolsonaro, que possui uma relação de proximidade com grupos neonazistas, é a liderança que melhor encarna seu ideário, com invocação de simbologias, gestos e manifestações de pensamento que, em alguma medida, buscam os mesmos objetivos e práticas político-comunicacionais que os líderes nazifascistas históricos.

Um diagnóstico da realidade sociopolítica no Brasil é dado por Jessé Souza ao refletir sobre sua compreensão do que é o fascismo, entendendo-o como “reflexo de uma luta de classes

truncada, percebida de modo distorcido e, por conta disso, violento e irracional no seu cerne”. Para o sociólogo, “a marginalização de grupos minoritários e a violência aberta e disseminada, contaminando a sociedade como um todo, são as consequências inevitáveis de todo fascismo” (Souza, 2019, p. 252).

A velocidade e o alcance do conteúdo extremista que circula na internet, muitas vezes acompanhados de discursos de ódio e radicalismo político, estão diretamente relacionados às mudanças ocorridas na última década na sociabilidade humana no ambiente digital. Desinformação, *fake news* e as campanhas empreendidas por políticos autoritários contra o trabalho jornalístico compõem o cenário no qual é feita a disputa informacional, inclusive sobre o significado desses regimes na história.

O professor Muniz Sodré (2021, p. 230) salienta o papel das redes na disseminação do ódio, compreendendo-o como “o substrato sensível dos protofascismos emergentes, na medida em que cauciona o estado de guerra permanente e inerente a essas formas de exacerbação autoritária, portanto, uma das principais figuras da disrupção atual da sociedade civil”.

Em um mundo onde a diversidade informacional atinge um patamar nunca visto, em decorrência do avanço da internet, das redes sociais e dos aplicativos de mensagens instantâneas, é necessário haver um compromisso tanto da própria mídia, quanto dos governos para que discursos de ódio não tomem o debate público. Assim, com riscos reais ao ambiente democrático que se observam hoje, não podemos nos dar ao luxo de ter uma sociedade civil que seja descompromissada com a garantia da democracia e dos valores republicanos.

As discussões teóricas empreendidas aqui possibilitam evidenciar que a atuação da extrema direita vem, na verdade, retomando e atualizando pautas muito particulares da tradição fascista brasileira, que remontam a quase um século, e se baseiam na defesa da família (patriarcal), no fundamentalismo religioso, no culto à violência em todas as suas formas, simbólicas, como a misoginia e a LGBTQIA+fobia, ou diretas, como a defesa do direito de posse e porte de armas de fogo — o que imediatamente remete ao integralismo da década de 1930, sobretudo quanto à crença de que a religião é intrínseca à política. Como salienta Finchelstein (2022, p. x), Bolsonaro “também se apresentou como um messiânico líder que sabe tudo, ignora a ciência e o pensamento racional, glorifica violência, transforma sua imagem em mito e propõe

mentiras para entender e mudar a realidade. Ao contrário de Plínio Salgado, Bolsonaro não é um intelectual, mas o oposto”.

Como salienta Doria (2020, p. 258), “aquilo que aconteceu na Itália, na Alemanha e em vários outros países europeus, aquilo que Plínio Salgado desejou para o Brasil, deveria ter um nome próprio”, cobra o autor de *Fascismo à Brasileira*, obra na qual discute os desdobramentos do movimento integralista como inspiração para o bolsonarismo. Assim como reiteram Singer *et al.* (2020), “parte da história moderna do país e um dos subprodutos de suas fundas mazelas, o fascismo à brasileira sempre esteve por aí, com seu rosto e gestos ameaçadores, ainda que, em geral, perambulando nas margens da vida nacional”. Mas, na atualidade, teve força e estratégia para subir ao poder.

A sociedade civil tem o papel de cobrar de seus representantes uma resposta firme e democrática contra a propagação de discursos de ódio, desinformação e contra a circulação de ideias e símbolos nazifascistas. Para tanto, nossa relação com o ambiente digital e político deve ter como norte o aprimoramento do regime democrático e das instituições republicanas. Ao mesmo tempo, a tecnologia deve estar a serviço do interesse público inclusive como instrumento de educação cidadã e de modernização de processos participativos.

A sociedade brasileira, ainda em um contexto de polarização política e ideológica, evidenciou, por meio das urnas na eleição de 2022, a intenção de minimizar o autoritarismo efetivado na prática diária ao longo do mandato de Bolsonaro, e de recuperar as inspirações democráticas com a nova ascensão de Lula ao poder. Márcia Tuburi alerta sobre a necessidade de se romper com o *autoritarismo cotidiano*: “Ele é feito daquilo que alguns chamam de microfascismos. (...) Do autoritarismo depende o extermínio da democracia como desejo em nome de uma democracia enquanto fachada. Ele é o cultivo do ódio, de maneiras e intensidades diferentes em tempos diferentes” (Tiburi, 2018, p. 31).

À guisa de conclusão, salientemos que a propagação de incentivos a ideologias autoritárias deve encontrar uma barreira intransponível não somente no arcabouço jurídico-institucional brasileiro, mas também nas instituições políticas e no debate público. O *paradoxo da tolerância* discutido por Karl Popper (2012) no século XX encontra um sério espaço de debate neste século com a ascensão da extrema direita nas democracias contemporâneas, nos levando

ao questionamento: Devemos tolerar os intolerantes? Considerando o risco de corrosão dos direitos humanos e da própria democracia potencializados pela presença da ideologia nazifascista na sociedade brasileira, parece-nos que a resposta coerente à questão é não.

Referências bibliográficas

ACKER, Antoine. How Fascism Went Digital: A Historian's Perspective on Bolsonaro's Victory in Brazil. *Geschichte der Gegenwart*, 2018 Disponível em: <https://geschichtedergegenwart.ch/how-fascism-went-digital-a-historians-perspective-on-bolsonaros-victory-in-brazil/> Acesso em: 24 fev. 2023.

ALESSI, Gil. Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. *El País Brasil*, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html>. Acesso em: 24 fev. 2023.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARTLETT, Frederik Charles. *La Propaganda Política*. Edição Ridendo Castigat Mores, 1940.

BEIGUELMAN, Giselle. *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

BOLSONARO dá segundo show de grosseria contra uma jornalista em quatro dias. *UOL - Congresso em Foco*, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/bolsonaro-da-segundo-show-de-grosseria-contra-uma-jornalista-em-quatro-dias/>. Acesso em: 11 set. 2021

CARVALHO, Igor. Cinco vezes que Bolsonaro, ou pessoas ligadas a ele, recorreram a símbolos nazistas. *Brasil de Fato*, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/25/cinco-vezes-que-bolsonaro-ou-pessoas-ligadas-a-ele-recorreram-a-simbolos-nazistas>. Acesso em: 06 jul. 2022.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. *Crítica Marxista*, n. 50, p.121-130, 2020.

CHANDLER, Daniel; MUNDAY, Rod. *A Dictionary of Media and Communication*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

CHOMSKY, Noam. *Mídia – propaganda, política e manipulação*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

- CHOMSKY, Noam. Tentativa de golpe no Brasil foi mais organizada que nos EUA, diz Chomsky. [Entrevista concedida a] Jamil Chade. *Portal UOL*, 4 fev. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/02/08/tentativa-de-golpe-no-brasil-foi-mais-organizada-que-nos-eua-diz-chomsky.htm>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- COHN, Gabriel. *O fascismo latente*. 22 set. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/DgnbRLSTHhtTgKnNC3HmMnD..> Acesso em: 24 fev. 2023.
- CUNNINGHAM, Stanley B. *The Idea of Propaganda: A Reconstruction*. London: Praeger, 2002.
- DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.
- DEMORI, Leandro. Pesquisadora encontra carta de Bolsonaro publicada em sites neonazistas em 2004. *The Intercept Brasil*, 28 jul 2021. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2021/07/28/carta-bolsonaro-neonazismo/>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- DOMENACH, Jean-Marie. *A Propaganda Política*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.
- DOOB, Leonard W. Goebbels' Principles of Propaganda. *Public Opinion Quarterly*, 1950.
- DORIA, Pedro. *Fascismo à Brasileira – como o integralismo, maior movimento de extrema direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. São Paulo: Planeta, 2020.
- DOYLE, Charles. *A Dictionary of Marketing*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- DW. O que acontece se alguém faz a saudação nazista na Alemanha. *DW Sociedade – Alemanha*. 3 nov. 2022. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/o-que-acontece-se-algu%C3%A9m-faz-a-sauda%C3%A7%C3%A3o-nazista-na-alemanha/a-63639703>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- FECHINE, Yvana; DEMURU, Paulo. *Um bufão no poder: ensaios sociosemióticos*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.
- FILCHELSTEIN, Federico. Bolsonaro talvez nunca será o fascista que gostaria de ser. [Entrevista concedida a] Bruno Lupion, *DW Brasil: O que é fascismo?* 19 jun. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-talvez-nunca-ser%C3%A1-o-fascista-que-gostaria-de-ser/a-53868854>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- FINCHELSTEIN, Federico. *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina, 2019.
- FINCHELSTEIN, Federico. Preface to the English Edition. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *Facism in Brazil: From Integralism to Bolsonarism*. London: Routledge, 2022.
- GOES, Bruno. Roberto Alvim copia discurso do nazista Joseph Goebbels e causa onda de indignação. *O Globo*, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-copia-discurso-do-nazista-joseph-goebbels-causa-onda-de-indignacao-24195523>. Acesso em: 11 set. 2021
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *Facism in Brazil: From Integralism to Bolsonarism*. London: Routledge, 2022.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARRIS, Karen. The Edelweiss Pirates Fought Back Against The Hitler Youth Of WWII. *History Daily*, 6 out. 2019.

HASIC, Albinko. Why propaganda is more dangerous in the digital age. *The Washington Post*, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2019/03/12/why-propaganda-is-more-dangerous-digital-age/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

HEGEL, Friedrich. *Filosofia da história*. Brasília: Editora UnB, 1999.

KAUFMANN, Laurence. All'ombra del potere: l'immaginario complottista sotto la lente. *Tangram – Rivista della CFR*, 45, p. 49-52, 2021.

LAGO, Rudolfo; SARDINHA, Edson; LIPPELT, Vanessa. Onze vezes em que o bolsonarismo flertou com o nazismo. *UOL – Congresso em Foco*, 13 fev. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/onze-vezes-em-que-o-bolsonarismo-flertou-com-o-nazismo/>. Acesso em: 06 jul. 2022.

LAVAREDA, Antonio; CASTRO, João Paulo. *Neuropropaganda de A a Z*. O que um publicitário não pode desconhecer. Rio de Janeiro: Record, 2016.

LOPES, Reinaldo José. Estética e discurso do vídeo de Roberto Alvim têm origem anterior ao partido de Hitler. *Folha de S. Paulo*, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/estetica-e-discurso-do-video-de-roberto-almiv-tem-origem-anterior-a-hitler.shtml>. Acesso em: 06 jul. 2022.

LUCKERT, Steven; BACHRACH, Susan. *State of Deception: The Power of Nazi Propaganda*. Washington: W. W. Norton & Company, 2009.

MELLO, Patrícia Campos. *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MENA, Fernanda. Brasil vive escalada de grupos neonazistas e aumento de inquéritos de apologia do nazismo na PF. *Folha de S. Paulo*, 14 ago. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/08/brasil-vive-escalada-de-grupos-neonazistas-e-aumento-de-inqueritos-de-apologia-do-nazismo-na-pf.shtml>. Acesso em: 11 set. 2021.

MILANI, Wilson Roberto. *As gráficas clandestinas do PCB: anticomunismo e ação repressiva do Estado*. 2020. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

MOREIRA, Carlos André. Discurso de Goebbels, ópera de Wagner e cruz medieval: os símbolos do vídeo que derrubou Roberto Alvim. *GZH*, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2020/01/discurso-de-goebbels-opera-de-wagner-e-cruz-medieval-os-simbolos-do-video-que-derrubou-roberto-almiv-ck5ij567100uh01pl6nzpehr6.html>. Acesso em: 06 jul. 2022.

- MOROZOV, Evgeny. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- NO MEMORIAL do Holocausto, Bolsonaro diz que nazismo era de esquerda. G1 – Jornal Nacional, 02 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/04/02/no-memorial-do-holocausto-bolsonaro-diz-que-nazismo-era-de-esquerda.ghtml>. Acesso em: 11 set. 2021.
- NOBRE, Marcos. *Limites da Democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.
- PACHECO, John; SPAUTZ, Dagmara. MP apura saudação nazista feita por bolsonaristas em ato em Santa Catarina. G1, 2 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/11/02/mp-apura-saudacao-nazista-feita-por-centenas-de-manifestantes-em-ato-em-santa-catarina.ghtml>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- PALÁCIO, Fábio. Estética fascista une fantasias de Bolsonaro e Mussolini com motos. *Folha de S. Paulo*, 28 maio 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2021/05/estetica-fascista-une-fantasias-de-bolsonaro-e-mussolini-com-motos.shtml>. Acesso em: 06 jul. 2022.
- PERICÁS, Luiz Bernardo. *El gobierno Bolsonaro: la derecha y la izquierda en el Brasil actual*. *Temas*, v.1, p. 57-64, 2022.
- PICHONELLI, Matheus. *Morre Adriana Dias, antropóloga que mapeou a ascensão neonazista no Brasil*. *UOL TAB*, 30 jan. 2023. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/colunas/matheus-pichonelli/2023/01/30/morre-adriana-dias-antropologa-que-mapeou-a-ascensao-neonazista-no-brasil.htm> Acesso em 24 fev. 2023.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- POPPER, Karl. *A sociedade aberta e os seus inimigos – Volume I: O sortilégio de Platão*. Lisboa: Edições 70, 2012.
- PROPAGANDA. In: *Encyclopedia Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/propaganda>. Acesso em: 24 fev. 2023.
- RAGUSA, Helena. Expressões antidemocráticas da extrema-direita na conjuntura brasileira atual: neonazismo, negação do holocausto e antisemitismo. *Entropia*, Rio de Janeiro, v.7, 13, p. 113-128, jan/jun. 2023.
- ROSENFELD, Gavriel D. *Hi Hitler!: How the Nazi Past Is Being Normalized in Contemporary Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- RUEDIGER, Marco Aurélio. (Coord.). *The global far right: Brazil establishes own ecosystem on Parler and mimics American far-right wing*. Policy paper. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2021.

SANCHES, Mariana. Beatrix von Storch: quem é a líder da extrema-direita alemã que se reuniu com Bolsonaro. *BBC News Brasil*, 26 jul. 2021a. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57978671>. Acesso em: 11 set. 2021.

SANCHES, Mariana. Neta de ministro de Hitler, deputada alemã sugere 'internacional conservadora' com Bolsonaro. *BBC News Brasil*, 25 ago. 2021b. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58325310>. Acesso em: 11 set. 2021.

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANT'ANNA, Armando. *Propaganda: Teoria, Técnica e Prática*. São Paulo, Pioneira 1998.

SANTOS NETO. Artur Bispo dos; CANEL, José Jânio Câmelo. Neoliberalismo, neofascismo e pandemia. In Santos Neto. Artur Bispo dos, Fernandes. Elaine Nunes Silva (org.). *Coronavírus e crise do capital: impactos aos trabalhadores e à natureza*. Goiânia: Editora Phillos Academy, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Bolsonaro e seu reino: retóricas visuais do poder. *Revista Zum*, 2020. Disponível em: <https://revistazum.com.br/zum-quarentena/bolsonaro-e-seu-reino/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SCURATI, Antonio. Mussolini é o arquétipo de líderes populistas como Bolsonaro, Trump e Salvini, diz autor italiano. [Entrevista concedida a] Angelo Attanasio, *BBC News Mundo*, 6 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54033476>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SINGER, André *et al.* Por que assistimos a uma volta do fascismo à brasileira? *Folha de S. Paulo*, Ilustríssima, 9 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/06/por-que-assistimos-a-uma-volta-do-fascismo-a-brasileira.shtml>. Acesso em: 24 fev. 2023.

SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças*. Petrópolis: Vozes, 2021.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Porto Alegre: L&PM, 2020.

STANLEY, Jason. The 10 tactics of fascismo. *BigThink*, 2021. Disponível em: <https://bigthink.com/videos/what-is-fascism/>. Acesso em: 24 fev. 2023.

THOMS, Heiko. Não se trata de liberdade de expressão, mas de um ataque à democracia e ao Estado de Direito no Brasil. Brasília, 2 nov. 2022. X: @AmbBrasilia. Disponível em: <https://x.com/AmbBrasilia/status/1588165148300218368?s=20>. Acesso em: 24 fev. 2023.

TIBURI, Márcia. *Como conversar com um fascista*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

TOSI, Giuseppe. L'attacco eversivo di Bolsonaro alle istituzioni democratiche. *Parolechiave* 1/2020, p. 215-230.

TRINDADE, Héglio. *Integralismo: O Fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979.

WEBER, Max. *Ciência e Política – duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 2011.

Rogério Covaleski – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFPE. Coordena o Grupo de Pesquisa Publicidade Híbrida e Narrativas de Consumo (PHiNC), no qual desenvolve e orienta pesquisas em torno de publicidade, consumo, *branded content*, ativismos de marca, causas sociais e propaganda política. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Autor de *Publicidade Híbrida* (2010), *Idiosincrasias Publicitárias* (2013) e *Da Publicidade ao Consumo* (2020).

E-mail: rogerio.covaleski@ufpe.br

Adriano Rodrigues de Oliveira – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Mestrando em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Especialista em Comunicação Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Especialista em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Bacharel em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: adriano.oliveira03@unifesp.br